

## **A abordagem da temática ambiental nas notícias. Uma reflexão das questões da ambientalização no Jornalismo<sup>1</sup>**

Denis Barros de Carvalho<sup>2</sup>

UFPI – Universidade Federal do Piauí, Teresina (PI)

Elinara Soares Barros de Sousa<sup>3</sup>

UFPI – Universidade Federal do Piauí, Teresina (PI)

Orlando Maurício de Carvalho Bertí<sup>4</sup>

UESPI – Universidade Estadual do Piauí, Teresina (PI)

### **Resumo**

O presente trabalho realiza uma análise inicial sobre a temática ambiental nas notícias. Para tanto, faz-se uma discussão sobre a temática ambiental e sobre a construção da notícia, buscando levantar questões que envolvem a abordagem dessa temática nos meios de comunicação, especificamente através de notícias. Não há interesse em analisar meio de comunicação algum, mas trazer a discussão que envolva a temática ambiental na atualidade e a percepção da construção da notícia a partir de seus elementos que se apresentam durante sua construção. O que se percebe é que a abordagem do tema meio ambiente ainda é incipiente, partido do pressuposto da importância social que possui o tema. Isso se deve também às mudanças sofridas pelo jornalismo e sua concepção capitalista em busca da sobrevivência da empresa jornalística através do lucro.

### **Palavras-chave**

Notícia; Temática Ambiental; Acontecimento; Acontecimento Jornalístico; Comunicação Social.

### **Introdução**

Os impactos e consequências sofridos ao longo dos anos pela ação do homem sobre a natureza é uma preocupação que ficou mais evidente na sociedade a partir da década de 1960 do Século passado, quando pôde ser percebido um número cada vez maior de movimentos sociais que tinham o meio ambiente como ponto de discussão. Era o início de novos tempos e novos desafios.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professor e pesquisador do Mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável da UFPI – Universidade Federal do Piauí e vinculado ao Departamento de Fundamentos da Educação da UFPI. E-mail: [denispsi@bol.com.br](mailto:denispsi@bol.com.br)

<sup>3</sup> Jornalista, pesquisadora. Secretária Executiva da UFPI – Universidade Federal do Piauí. Acadêmica do mestrado acadêmico em Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável na UFPI. E-mail: [elinarabarros@gmail.com](mailto:elinarabarros@gmail.com)

<sup>4</sup> Professor, pesquisador e extensionista do curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo – da UESPI – campus de Teresina – e voluntário no campus de Picos. Faz Pós-Doutorado em Comunicação, Cidadania e Região na Universidade Metodista de São Paulo. É doutor e mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, com estágio doutoral na Universidad de Málaga, Espanha. Atua em pesquisas voltadas para cidadania e fenômenos do Sertão do Piauí. É vice-presidente da Rede Brasileira de Mídia Cidadã. E-mail: [orlandoberti@yahoo.com.br](mailto:orlandoberti@yahoo.com.br)

Com isso, pode-se perceber até os dias atuais uma preocupação constante com as questões ambientais. E tais como os movimentos sociais, os meios de comunicação de massa possuem papel significativo nas discussões levantadas durante esse tempo e essa temática.

Em busca de analisar esses dois pontos é que este trabalho é apresentado. Para tanto, será realizada uma análise inicial sobre as questões ambientais, a construção da notícia e a geração de notícias sobre meio ambiente.

O trabalho é dividido em três momentos. O primeiro, “*A problemática ambiental*”, trata sobre as questões ambientais em si e suas respectivas diferenciações e contextualizações. O segundo, “*A construção da notícia*”, destaca acerca das perspectivas noticiosas em si e suas interfaces. O terceiro, e último, “*Questão Ambiental e Jornalismo*”, trata sobre as perspectivas analíticas dos dois capítulos anteriores, ligando-as e realizando a solução do problema de pesquisa, dando gancho para as Considerações Finais.

## **1 – A problemática ambiental**

A partir da Revolução Francesa (em 1789) houve a preocupação cada vez maior com o crescimento econômico. Inaugurava-se o que é chamada de Idade Contemporânea. Mas tanta preocupação em mudanças e desenvolvimentos não levou em conta os impactos de tantas evoluções sobre o meio ambiente.

Somente quase dois séculos depois de importante ruptura histórica é que houve o início da preocupação ambiental de forma mais sistematizada, tornando-se historicamente mais evidente a partir dos vários movimentos sociais ocorridos durante as décadas de 1960 e 1970 do Século passado.

Enrique Leff (2001, p.15) defende que a crise ambiental se apresenta para questionar os paradigmas econômicos existentes até então.

A sustentabilidade ecológica aparece assim como um critério normativo para a reconstrução da ordem econômica, como uma condição para a sobrevivência humana e um suporte para chegar a um desenvolvimento duradouro, questionando as próprias bases da produção (LEFF, 2001, p.15).

Uma das primeiras correntes teóricas a tratar sobre o meio ambiente foi a economia ecológica, que tem em Nicholas Georgescu-Roegen<sup>5</sup> um dos primeiros pensadores a questionar o desenvolvimento econômico sem levar em consideração o meio ambiente.

---

<sup>5</sup> Matemático romeno que teve importante influência nos conceitos iniciais e evolutivos sobre decrescimento econômico.

Segundo Enrique Leff (2001) os economistas passaram a ignorar o meio ambiente, o que acabou causando uma mudança na percepção intelectual do tema. Pode-se perceber, com isso, um reforço do poder da tecnologia, sendo esta capaz de resolver todos os impactos causados sobre a natureza. Porém, a realidade apresentada é diferente. Será que realmente a tecnofilia (exagero em achar que a tecnologia resolve tudo e é a solução para todos os problemas) realmente tem esse poder? Será que realmente ela sozinha tem tantas qualidades e é tão emancipadora?

Com a economia ecológica, pode-se perceber a importância de uma maior discussão sobre o tema. Diante disso, houve a Conferência de Estocolmo<sup>6</sup>, organizada pelas Nações Unidas (ONU), em 1972. Esse ato é destacado como a primeira conferência mundial sobre a relação Homem e meio ambiente. A conferência teve grande participação de países desenvolvidos e em desenvolvimento e abriu as discussões sobre a maneira de desenvolvimento adotada e quais perspectivas para o futuro.

Vale destacar a discussão sobre desenvolvimento sustentável, que tem sua primeira definição o Relatório da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento<sup>7</sup>, presidida pela médica e diplomata norueguesa Gro Harlem Brundtland.

Segundo o relatório (1987, p.46) “desenvolvimento sustentável é aquele que atende às necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem a suas próprias necessidades”.

É possível afirmar que não se chegou a um consenso sobre questão do desenvolvimento econômico *versus* desenvolvimento sustentável. Temáticas que, quase 30 anos depois da aprovação do relatório, ainda ensejam várias polêmicas.

Enquanto uma corrente econômica defende que o desenvolvimento é necessário para a sociedade, destacando que a tecnologia é capaz de suprir as questões ambientais, outra corrente defende o desenvolvimento zero.

Ou seja, não admite ser possível o chamado desenvolvimento sustentável, alegando que os dois termos são contraditórios, pois se há desenvolvimento, não pode haver sustentabilidade.

Segundo Ulrich Beck (*apud* JACOBI, 2005, p.386) o tema da sustentabilidade entra em confronto com “paradigma da sociedade de risco”, implicando na

---

<sup>6</sup> Na Suécia.

<sup>7</sup> Criado pela ONU em 1987.

necessidade da multiplicação de práticas sociais pautadas pela ampliação do direito à informação e de educação ambiental numa perspectiva integradora. Trata-se de potencializar iniciativas a partir do suposto de que maior acesso à informação e transparência na gestão dos problemas ambientais urbanos pode implicar uma reorganização de poder e autoridade (JACOBI, p.386-387).

Durante esse processo, os meios de comunicação de massa<sup>8</sup> não ficaram de fora das discussões trazidas por esses movimentos e correntes teóricas, tendo uma participação significativa desde então.

Foi possível perceber que as questões ambientais entraram na agenda das mídias, principalmente durante a existência de fatos significativos, tais como a Conferência de Estocolmo, a Convenção da Biodiversidade (ECO-92) ocorrida no Rio de Janeiro no ano de 1992 e a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (Rio +20) ocorrida em 2012 novamente na cidade do Rio de Janeiro.

## **2 – A construção da notícia**

A notícia é um dos produtos mais importantes do jornalismo. Ousa-se dizer que é a mola-mestra da circulação de informações. Sem ela não já o Jornalismo propriamente dito.

Entende-se como Jornalismo a mediação da circulação de informações, sejam elas impressas, radiofônicas, audiovisuais ou até multimidiáticas (convergindo todas as plataformas jornalísticas anteriores e mais tradicionais).

Estudos das diversas teorias comunicacionais, principalmente as teorias do Jornalismo (destaque em PENA, 2005), mostraram o estabelecimento de alguns critérios de noticiabilidade que são levados em consideração para que acontecimentos do cotidiano tenham destaques e se tornem uma notícia vinculada em um meio de comunicação.

Diante disso, é importante trazer a tona algumas discussões que envolvem a produção noticiosa, conseqüentemente, a circulação de notícias. A primeira é o esclarecimento da notícia como um acontecimento.

Segundo Adriano Duarte Rodrigues (1999, p. 27):

é acontecimento tudo aquilo que irrompe na superfície lisa da história de entre uma multiplicidade aleatória de factos virtuais. Pela sua natureza, o acontecimento situa-se, portanto, algures na escala das probabilidades de ocorrência, sendo tanto mais imprevisível quanto menos provável for a sua realização.

---

<sup>8</sup> Vale destacar que quando é utilizado o termo “meio de comunicação de massa” é trazido um conceito mais clássico de meios que atingem um público mais diverso. Reconhece-se que na atual conjuntura comunicacional o termos “massa” e “comunicação de massa” são dúbios sobre o que é essa massividade. Poderia-se trocar também, pegando-se em uma concepção *gramsciana* para meios de comunicação hegemônicos.

Ao noticiar um acontecimento, os meios de comunicação fazem a construção de um sentido. Louis Quéré (*apud* SANTOS, 2005) trata o acontecimento em sua ordem hermenêutica, ou seja, a partir do sentido construído desse acontecimento<sup>9</sup>. Louis Quéré ainda faz uma distinção entre fato e acontecimento, onde este se passa em temporalidade diferente do primeiro.

Segundo José Manuel dos Santos (2005, p. 80), “[...] o acontecimento se distingue do *facto*<sup>10</sup> na medida em que este pode ser de longa duração ou de duração indeterminada. Assim, mesmo se há acontecimentos que se tornam *factos* [...] há *factos* que não são propriamente acontecimentos”.

Então, é possível fazer uma distinção do que é caracterizado como acontecimento jornalístico. Levando em consideração os critérios de noticiabilidade, o acontecimento noticioso se diferencia do acontecimento em si pela sua imprevisibilidade.

João Simão (2015) reflete que

os critérios que distinguem o que é notícia do que não é notícia variam de jornal para jornal, segundo a sua linha editorial e o tipo de público-alvo. Assim não podem ser indicados com precisão os critérios de noticiabilidade para todos os jornais. De modo geral podemos indicar alguns válidos para qualquer publicação.

Não é todo acontecimento que se torna notícia, porém toda notícia é um acontecimento. Acontecimento porque envolve pessoas, sentidos, vivências e práticas comunicacionais. Adriano Duarte Rodrigues (1999, p.27) afirma que acontecimento jornalístico é “um acontecimento de natureza especial, distinguindo-se do número indeterminado dos acontecimentos possíveis em função de uma classificação ou de uma ordem ditada pela lei das probabilidades, sendo inversamente proporcional à probabilidade de ocorrência”. Com isso, pode-se afirmar que o acontecimento jornalístico é aquele escolhido entre os acontecimentos que possuem determinadas características e que cumpram a missão de venda de jornais.

Adriano Rodrigues (1999) ainda também destaca a produção do acontecimento pelos meios de comunicação, afirmando que ao serem publicados os acontecimentos se tornam um novo acontecimento, podendo obter sentido diferente do que tinha inicialmente. Adriano Rodrigues (1999, p.31) afirma que “ao darem conta dos *actos*<sup>11</sup> enunciativos, os

---

<sup>9</sup> A perspectiva hermenêutica trazida também envolve as questões ligadas ao moral e ao individual. Ponto mais que positivo em uma conjuntura da circulação atual de informações.

<sup>10</sup> Respeitando o texto original em português de Portugal.

<sup>11</sup> Idem observação anterior.

*media* não só lhes conferem notoriedade pública, alargando assim indefinidamente o âmbito e o alcance das transformações que operam no mundo, como realizam igualmente novos *actos* ilocutórios e perlocutórios de acordo com as suas próprias regras enunciativas”. Ou seja, há uma construção de sentido decorrente das notícias trazidas pelos meios de comunicação.

José Manuel Santos (2005, p.81) afirma que os acontecimentos possuem hierarquia, na qual podem existir acontecimentos pequenos (microacontecimentos) e grandes (macroacontecimentos).

Para o autor, os microacontecimentos são os “que fazem parte de uma série e são relativamente previsíveis no âmbito dos respectivos sistemas”, já os macroacontecimentos “produzem ‘reações’ importantes nos sistemas”. Os acontecimentos que se tornam notícias são os macroacontecimentos. José Manuel Santos (2005) ainda afirma que os meios de comunicação se caracterizam como “um sistema particularmente especializado na descrição e tratamento de macroacontecimentos, enquanto acontecimentos literalmente ‘fora de série’” (SANTOS, 2005, p.82).

Outra questão de suma importância é a questão da objetividade jornalística. Ainda que a discussão possa parecer saturada, já que a mesma vem se arrastando desde o início da década de XX, vale destacá-la como ponto importante na percepção do papel do jornalista na sociedade. Dentre as teorias sobre o jornalismo, a Teoria do Espelho realçou o papel do jornalista como mero reprodutor de fatos. Essa teoria defende o jornalismo como espelho da realidade. Segundo Enio Moraes Júnior (2011, p.47) “considerava que a realidade determinava as notícias tal e qual a lente de uma objetiva fotográfica”. Porém, essa teoria já não abrange o significado do papel assumido pelos profissionais de jornalismo.

No entanto, aqui é defendida a não existência de uma objetividade jornalística, pois o homem é composto pelo universo em que foi construído socialmente, levando em consideração a cultura em que está inserido e seu lugar de fala. A própria escolha de qual acontecimento será noticiado é uma escolha do jornalista e da empresa de comunicação, pois não são todos os acontecimentos que se tornam jornalísticos.

O jornalismo hoje se caracteriza como uma indústria, uma empresa que tem que considerar a busca por lucro. Essa é outra discussão importante que envolve a profissão de jornalista. Isso faz com que os jornalistas também se percebam apenas como empregados de uma empresa que tem a notícia como produto de venda. Com isso, pode-se afirmar que os

acontecimentos noticiosos são vendidos como mercadorias. O leitor é visto como consumidor de notícias.

Jean Baudrillard (1995, p.53) afirma que “a irrupção das novas tecnologias (informatização total, digitalização, Internet) revolucionou radicalmente – talvez mais do que qualquer outra – o modo tradicional de trabalhar”.

Por isso, não se pode mais negar a importância que a tecnologia para a produção da notícia. Muito já se discutiu e questionamentos já foram feitos sobre o fim do jornalismo, levando em consideração que a produção noticiosa pode ser realizada por qualquer um através da Internet.

É possível perceber atualmente o fechamento de diversas redações de jornais impressos, corroborando com os autores que argumentam o fim do jornalismo, porém, não se pode analisar a questão a partir somente de um meio de comunicação, pois jornalismo não se dá somente em jornais impressos. É necessário ter a percepção geral, as mudanças que vem ocorrendo ao longo do tempo com o jornalismo de forma geral, considerando os diversos meios de comunicação e a adaptação das empresas e jornalistas às mudanças que vem ocorrendo.

Jean Baudrillard (1995, p.56) ainda diz que “as novas tecnologias favorecem o desaparecimento da especificidade do jornalismo”. Ao mesmo tempo em que as tecnologias da comunicação se desenvolvem, o número de grupos ou de indivíduos que comunicam é maior. No entanto, é importante destacar que mesmo com os avanços tecnológicos, não há uma uniformidade planetária sobre o desenvolvimento tecnológico, ou seja, têm lugares que são mais avançados tecnologicamente do que outros e essa desigualdade nos leva a afirmar que ao mesmo tempo em que há uma mudança no papel exercido pelo jornalista ainda vai haver em diversos lugares jornalistas que vão assumir o papel que possuía anteriormente.

Quanto a percepção do papel atual do profissional do jornalismo, podemos perceber um pessimismo em Ciro Marcondes Filho (2009). Além de esclarecer que a profissão exige um intenso trabalho, o autor busca tirar o “glamour” que podem achar que a profissão possui.

Assim como Jean Baudrillard, Ciro Marcondes Filho (2009) destaca os produtos jornalísticos como mercadorias e faz uma crítica disso. Para o autor, o jornalismo faz parte de uma instituição, indo de encontro também com a teoria do espelho. Ele afirma que “[...] o jornal um veículo de reprodução *parcial* da realidade. Definir a notícia, escolher a angulação, a manchete a posição na página ou simplesmente não dá-la é um ato de decisão

consciente dos próprios jornalistas. É sobre a notícia que se centra o interesse principal do jornalismo” (MARCONDES FILHO, 2009, p. 76). Jean Baudrillard e Ciro Marcondes Filho corroboram com a notícia como mercadoria na atual sociedade.

A informação se tornou de verdade e antes de tudo uma mercadoria. Não possui mais valor específico ligado, por exemplo, à verdade ou à sua eficácia cívica. Enquanto mercadoria, ela está em grande parte sujeita às leis do mercado, da oferta e da demanda, em vez de estar sujeita a outras regras, cívicas e éticas, de modo especial, que deveriam, estas sim, ser as suas (BAUDRILLARD, 1995, p.60).

Com isso percebe-se como o papel dos meios de comunicação mudou ao longo do tempo e como o capitalismo tem influência nessa mudança. Se em algum momento de sua história o jornalismo tinha o papel de levar informações de interesse público, hoje a empresa jornalística se sobressai a essa função e busca sua sobrevivência através do lucro.

### **3 – Questão Ambiental e Jornalismo**

Diante das questões levantadas até agora e da importância temática na sociedade atual, busca-se, então, fazer uma análise inicial da relação da abordagem noticiosa da temática ambiental. Será que há realmente essa interação e que realmente há no Brasil as vivências jornalísticas ambientais?

O capitalismo e o meio de produção estabelecido por ele mostra as mudanças ocorridas tanto no meio ambiente quanto na produção jornalística. É a partir do maior acesso à informação que se analisa a atuação dos meios de comunicação de massa sobre a temática ambiental, já que esses meios possuem grande destaque na vida da sociedade. Por isso, é normal incluir os meios de comunicação como instrumentos capazes de agir mais efetivamente na mudança ou não dos mais diversos setores sociais, sendo possível sensibilizar a sociedade quanto à importância do meio ambiente.

Os meios de comunicação de massa trabalham com discursos que são construídos socialmente, por isso, a defesa de uma mudança na forma como o meio ambiente é tratado na mídia se dá pelo fato de ser pelos e nos discursos que se constroem, reproduzem e modificam as representações do mundo e as identidades, bem como as relações sociais em jogo, em cada situação de comunicação vivida.

Francisco Assis Fernandes (2001) afirma que “a influência dos meios leva a humanidade a tomar conhecimento dos problemas ambientais e a procurar rediscutir os seus modelos de desenvolvimento e de atuação no meio ambiente”.

Diante disso, é necessário ter a percepção do papel social que o profissional de jornalismo possui e as características da profissão, como já foi destacado anteriormente. Quanto ao papel assumido pelo profissional José Coelho Sobrinho (2010 *apud* MORAES JÚNIOR, 2011, p.42) afirma que o jornalismo tem que levar em consideração os fundamentos básicos de informar a sociedade e o interesse público. Ou seja, o jornalista tem que atuar a partir desses pressupostos e o meio ambiente, sem dúvida, é um tema de interesse da sociedade.

Com o surgimento das teorias construcionistas<sup>12</sup> houve uma mudança na percepção da profissão, pois “entendeu-se que os jornalistas, ao contrário do que pressupunha a objetividade atribuída à profissão, agem intencionalmente na construção da notícia” (MORAES JÚNIOR, 2011, p.47). Ou seja, a notícia se dá a partir de uma construção social, que é influenciada por diversos fatores que o profissional nem sempre tem o controle.

Porém, não se pode negar que o jornalismo hoje também é influenciado pela questão econômica, como já foi discutido aqui.

Atualmente, o que se percebe são empresas jornalistas que dependem de investimentos financeiros para sobreviver e isso acaba influenciando, direta ou indiretamente, os produtos jornalísticos que a sociedade consome. Segundo Sérgio Mattos (2006, p.74), “a televisão tem sido o veículo que mais se beneficiou dos investimentos publicitários” no Brasil.

Por isso, é necessário ter essas questões em mente quando se fala em jornalismo. Não se pode limitar a atuação do jornalista apenas à produção levando em consideração o interesse público e a informação da sociedade.

Entretanto, é necessário ampliar mais a questão da atuação do jornalista nos meios de comunicação e perceber o que está por trás dessa construção social.

Se há uma responsabilidade social da mídia pela sustentabilidade ambiental [...] igualmente haverá uma responsabilidade social da área acadêmica que tem a missão de preparar melhor os jornalistas que vão tratar da questão ambiental. Do contrário, eles chegarão despreparados aos seus locais de trabalho (CAMPOS, 2006).

Quando se analisa a relação meio ambiente e jornalismo, pode-se perceber uma preocupação na legislação vigente no Brasil. A Constituição Federal de 1988, que traz um capítulo específico sobre o meio ambiente e estabelece no Art. 225 que “Todos têm direito

---

<sup>12</sup> Acredita-se no construcionismo via teorias propostas por Seymour Papert e suas perspectivas em relação à construção do conhecimento baseada na realização de uma ação concreta que resulta em um produto palpável.

ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”.

A Constituição também reconhece a importância dos meios de comunicação como influenciadores da sociedade e estabelece no Art. 220 que compete à lei federal: “II - estabelecer os meios legais que garantam à pessoa e à família a possibilidade de se defenderem de programas ou programações de rádio e televisão que contrariem o disposto no art. 221, bem como da propaganda de produtos, práticas e serviços que possam ser nocivos à saúde e ao meio ambiente”.

Ou seja, é atribuída aos meios de comunicação uma responsabilidade na divulgação da questão ambiental, assumindo, assim, um papel social. Porém, somente uma legislação não é suficiente para que a temática ambiental seja abordada de maneira que atenda à demanda, pois é possível perceber que as mudanças apresentadas nas empresas jornalísticas.

### **Considerações**

Levando em consideração as discussões aqui apresentadas, pode-se perceber que a temática ambiental vem se apresentado como um acontecimento de suma importância e que o jornalismo apresenta notícias sobre a temática, mas que isso só acontece quando o tema apresenta os critérios de noticiabilidade ou quando há interesse das empresas jornalísticas. Como destaca Felipe Pena (2005) ao falar sobre as questões do agendamento midiático. É quase tudo uma questão de agenda.

Como foi exposto, a legislação tem os meios de comunicação como uma função de responsabilidade social. No entanto, atualmente, o quadro apresentado é diferente. O jornalismo tem assumido cada vez mais um papel de empresa jornalística, que busca o lucro e que utiliza dos critérios de noticiabilidade para a definição de quais acontecimentos se tornam jornalísticos.

Isso afeta de forma significativa a abordagem da questão ambiental no noticiário, pois mesmo sendo um tema de interesse da sociedade acaba que sua abordagem acaba sendo negligenciada em detrimento de outras temáticas que atendam aos critérios estabelecidos pela empresa.

## Referências

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal – Centro Gráfico, 1988.

BAUDRILLARD, Jean. **A greve dos acontecimentos**. Lisboa: Edições Terramar, 1995.

CAMPOS, Pedro Celso. **Meio Ambiente: a sustentabilidade passa pela educação (em todos os níveis, inclusive pela mídia)**. Porto Alegre: revista Em Questão. v. 12, nº 2, p.387-419, jun/dez. 2006. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/42/14>>. Acesso em: 28 de maio de 2015.

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso futuro comum**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1991.

FERNANDES, Francisco Assis Martins. **O papel da mídia na defesa do meio ambiente**. Taubaté: Revista Ciências Humanas – UNITAU, v. 7, nº 2, 2001. Disponível em: <<http://site.unitau.br/scripts/prppg/humanas/download/opapelmidia-N2-2001.pdf>>. Acesso em: 18 de maio de 2015.

JACOBI, Pedro. **Meio ambiente urbano e sustentabilidade: alguns elementos para a reflexão**. IN: CAVALCANTE, Carlos (Org.). Meio ambiente, desenvolvimento sustentável e políticas públicas. São Paulo: Cortez, 2005.

LEFF, Enrique. **Saber Ambiental**. Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade, Poder. Petrópolis: Vozes/PNUMA, 2001.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Ser jornalista: a língua como barbárie e a notícia como mercadoria**. São Paulo: Paulus, 2009.

MATTOS, Sérgio Augusto Soares. **História da Televisão Brasileira: uma visão econômica, social e política**. Petrópolis: Vozes, 2009.

MORAES JÚNIOR, Enio. **O ensino do interesse público na formação de jornalistas: elementos para a construção de uma pedagogia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011.

PENA, Felipe. **Teorias do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **O acontecimento**. IN: TRAQUINA, Nelson (org.). Jornalismo: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Veja, 1999.

SANTOS, José Manuel. **Da perca do mundo à sociedade dos (mega) acontecimentos**. Lisboa: Tracjetos – Revista de Comunicação, Cultura e Educação. n. 6, 2005, p. 77-83.

SIMÃO, João. **Critérios de noticiabilidade**. Disponível em:  
<<http://joaosimao.comunicamos.org/criterios-de-noticiabilidade>>. Acesso em 10 de julho de 2015.